



GT – “15”: “Práticas Culturais na Produção da Cidade”

A CIDADE EM MOVIMENTO:

A Batalha do Vale e a territorialidade educativa do Hip Hop em Presidente Prudente.

Autor: Bruno Fantin Salvi

Filiação institucional: Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Presidente Prudente¹

E-mail: bruno.salvi@unesp.br

RESUMO: O trabalho que segue apresenta caminhos que estão sendo percorridos em pesquisa de doutorado e também resultados de pesquisa de mestrado cujo nosso principal objetivo foi identificar e analisar os processos educativos acionados na vida dos jovens a partir de seu envolvimento com o Hip Hop, através da experiência na cidade promovida por esta participação. As pesquisas foram e estão sendo realizadas junto a jovens envolvidos com Coletivo Batalha do Vale, que atua desde 2015 em Presidente Prudente através de ações culturais voltadas a cultura de rua em espaços públicos da cidade. A participação das juventudes em coletivos juvenis incentiva e direciona suas trajetórias de vida para uma formação intelectual, política e social que ocorre fora da escola.

Palavras-chave: Geografias das Juventudes, Investigação Militante, Hip Hop.

INTRODUÇÃO

O texto que segue expõe o andamento de pesquisa de doutorado a respeito das culturas juvenis, especialmente do Hip Hop, na qual buscamos através da atuação do Coletivo Batalha do Vale (BDV), analisar a maneira como as juventudes se territorializam pelo espaço urbano para promoverem ações que afirmem suas identidades culturais. Neste contexto o nosso objetivo principal de pesquisa é identificar meio as práticas espaciais das juventudes periféricas da cidade como acontecem conexões entre os territórios e/ou “territórios-rede” (HAESBAERT,

¹ Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Nécio Turra Neto.

2004) do Hip Hop e como são articuladas, superadas e produzidas as diferentes escalas nas vidas dos sujeitos que estão envolvidos neste processo.

Por se tratar de uma proposta de pesquisa em colaboração, com base na experiência realizada em pesquisa de mestrado (SALVI, 2023) cuja inquietações estão refletidas agora no doutorado, buscamos delimitar recortes de pesquisa a partir de jovens periféricos ligados a cultura Hip Hop de Presidente Prudente, especialmente com o Batalha do Vale, mas que não os consideramos objetos de estudo, justamente pela proposta de “pesquisa militante” (BARTHOL, 2018) colocar os sujeitos estudados ativamente no processo de pesquisa, sendo que desenvolvemos então objetivos de pesquisa junto aos sujeitos pesquisados em colaboração.

O Hip Hop, cultura e movimento na qual nos referimos, se consolidou nos guetos novaiorquinos nas décadas de 1970 e 1980, sendo formado por jovens negros, latinos e empobrecidos que utilizaram da arte de rua como alternativa de superação frente a realidade de exclusão, vulnerabilidade e a forte presença de gangues. Os elementos artísticos do Hip Hop são de maior expressão são o break (dança), o rap (música), o Dj (a técnica dos toca discos e discotecagem), o grafite (pinturas) e o principal elemento na qual todos os outros orbitam ao redor: o conhecimento (PIMENTEL, 1997; MIRANDA, 2006).

No Brasil a cultura se manifestou primeiramente através das rádios e dos discos importados ainda nos anos 70, se popularizando nos anos 80 nas periferias urbanas de diversas cidades. Apesar de ser em São Paulo, especialmente a esquina onde cruzam a Av. 24 de Maio e a Praça Dom José de Barros, no centro, o local considerado por artistas e estudiosos da cultura o marco zero do Hip Hop no Brasil, vale destacar que em outras cidades como Salvador, João Pessoa, Campo Grande, Belo Horizonte e Rio de Janeiro o movimento Hip Hop ia simultaneamente se articulando e formando cenas locais (MIRANDA, 2006). Neste contexto o Hip Hop acabou fortalecendo e dando continuidade as pautas das juventudes periféricas e do movimento negro que já vinham se organizando artisticamente através do samba e dos bailes black.

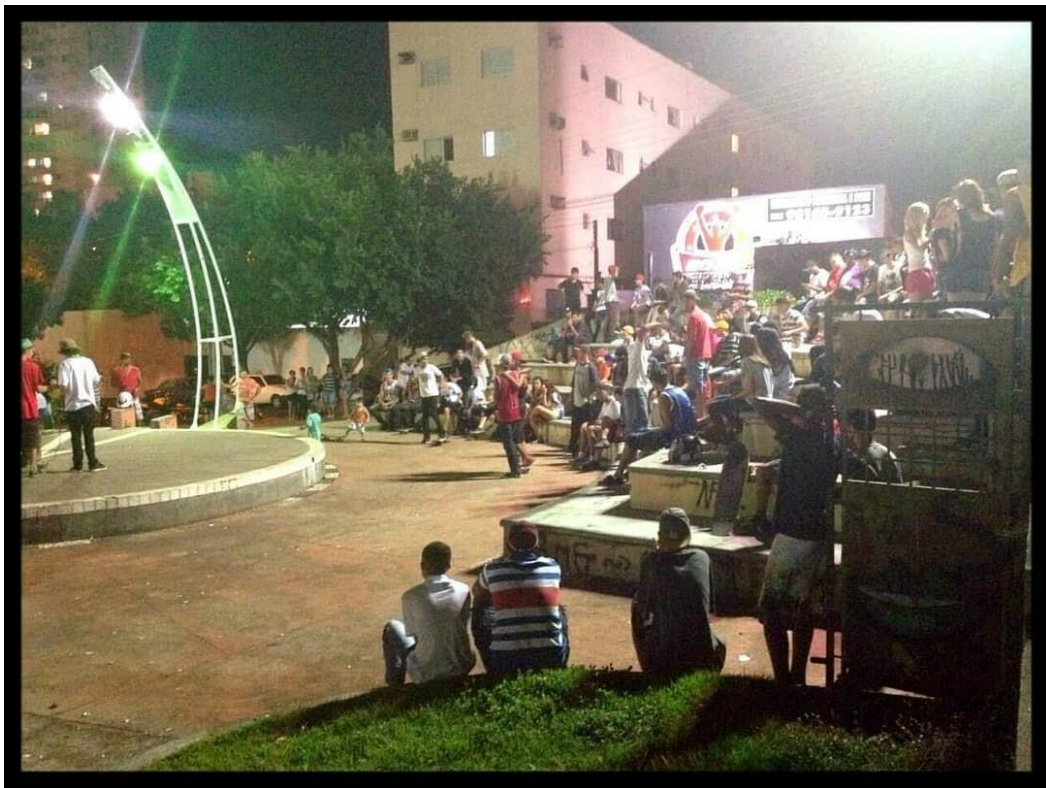
A Batalha do Vale, por sua vez, é um coletivo cultural independente que desde 2015 realiza ações em espaços públicos de Presidente Prudente – SP e também em cidades menores da região. Sua principal atuação é através da batalha de mcs que ocorre semanalmente na Praça do Vale, sendo este espaço o território afirmado e acionado pelo coletivo através dos valores pedagógicos e políticos do Hip Hop através dos anos de apropriação. (SALVI, 2023).

Imagem 01. Batalha do Vale acontecendo na Praça do Vale em 2018.



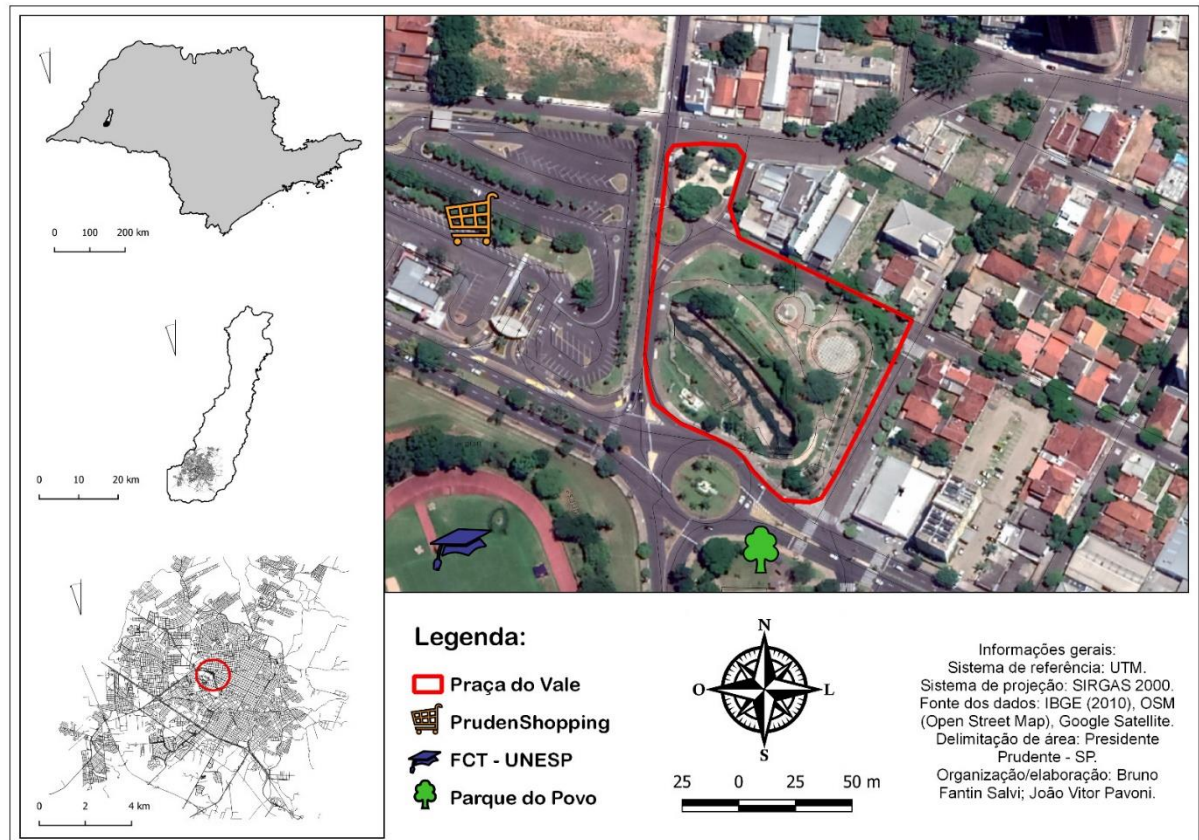
Fonte: Facebook da Batalha do Vale.

Imagem 02. Primeira edição da Batalha do Vale em abril de 2015.



Fonte: Igor Enrique (Coletivo Batalha do Vale)

Imagem 03. Mapa de localização da Praça do Vale.



Fonte: Bruno Fantin Salvi (2019)

Sendo assim, tanto esta pesquisa que está em andamento, quanto os trabalhos de monografia e de mestrado (SALVI, 2019, 2023) se tratam de estudos geográficos a respeito das juventudes. Segundo Helena Abramo (1997) as abordagens teóricas a respeito do tema nas ciências sociais, especialmente a Antropologia e Sociologia, ao longo do século XX orbitaram sobre temáticas ligadas ao desvio dos jovens do “caminho correto”, como criminalidade, tráfico de drogas, gangues, desemprego, analfabetismo, entre outras temáticas que em geral, foram formulando no imaginário social e acadêmico, um perfil de jovem a ser seguido, sendo abordados marginalmente os jovens que não estavam ou não se enquadravam neste perfil, especialmente os jovens negros e moradores de periferias empobrecidas das cidades (ABRAMO, 1997; FEIXA, 1999).

Atualmente neste campo dos estudos de juventude outras perspectivas superaram a visão funcionalista e reconhecem tanto a pluralidade das experiências de juventude e de trajetórias de transição para a vida adulta, quanto a particularidade desta fase de vida na

constituição de culturas distintas (PAIS, 1993; TURRA NETO, 2008; CARRANO, 2011), como são as culturas juvenis que estudamos – o Hip Hop como um exemplo delas. Entendemos que a juventude não se reduz a uma passagem e que os jovens devem ser pensados enquanto sujeitos sociais assim como “os adultos”, compreendendo a juventude como um momento em que a pessoa se forma enquanto um sujeito contextualizado e que muitos valores e identidades estabelecidas vão permear para o resto da vida deste jovem em questão.

Ao se diferenciarem culturalmente os jovens tendem a se apropriarem de espaços da cidade para praticarem elementos desta cultura através do encontro. Pensamos que estes encontros de trajetórias no espaço configuram a territorialização das culturas juvenis, que são justamente, o compartilhamento de referências estéticas, artísticas, políticas e de identidade pelos jovens de maneira coletiva (PAIS, 1993; FEIXA, 1999; TURRA NETO, 2008).

Neste sentido pensamos que os jovens através das culturas juvenis, ao formarem grupos e necessitarem do encontro para materializarem a cultura, se apropriam de espaços da cidade, cuja relação de identidade configuram territórios a partir da dialética, da diferenciação entre o “nós” e “eles” (SOUZA, 2001; TURRA NETO, 2008). Ao partilharem de referências semelhantes e tendo a possibilidade de ocupar um lugar para o encontro, os jovens estabelecem políticas que se materializam no espaço, configurando seus próprios lugares e territórios na cidade, fazendo necessária para a compreensão do fenômeno abordagens em perspectivas geográficas.

Ao terem acesso as redes de sociabilidade que articulam estes territórios os jovens envolvidos tem acesso a escalas produzidas por jovens periféricos direcionadas especialmente para estas pessoas, diferente da escala produzida nas relações familiares e religiosas. Em relação as escalas, compreendemos que estas são socialmente produzidas e que múltiplas escalas se sobrepõem na vida cotidiana (SMITH, 2000), tendo origem em diferentes dinâmicas da sociedade sendo ferramenta política de exclusão, mas também, se articulada por agentes sociais, podem configurar “escalas de ação” (SOUZA, 2013, p. 181). Portanto as juventudes que estão agitando movimentos territoriais de Hip Hop em Presidente Prudente podem estar produzindo uma escala de ação que não é localizada, mas sim articulada em “territórios descontínuos” (SOUZA, 2001), uma rede de territórios que formam um circuito articulado por diferentes coletivos juvenis, de diferentes bairros e, por vezes, de diferentes cidades, mencionados também por Rogério Haesbaert (2004) como “territórios-rede”, sendo os próprios territórios nós de uma rede.

Com base nesta discussão que soma resultados de pesquisa de mestrado (SALVI, 2023) nos deparamos com os seguintes questionamentos de pesquisa para o doutorado: os territórios de Hip Hop que estão sendo articulados em Presidente Prudente e em cidades menores da região, estabelecem fluxos e conexões que configurem uma rede de territórios juvenis periféricos, ou seja, territórios-rede ou territórios descontínuos, podendo ser considerado cada um destes territórios nós de uma rede? Ao acessarem e comporem estes territórios, os jovens envolvidos são possibilitados de “saltarem escalas” (SMITH, 2000) da vida urbana, reorganizando suas práticas espaciais a partir de uma nova perspectiva escalar? Qual a intensidade e o conteúdo educacional dos fluxos de informação que circulam entre estes territórios juvenis, visto que a participação nestes territórios implica, muitas vezes, em reflexões a respeito da própria trajetória de vida dos jovens (SALVI, 2023)?

METODOLOGIA DE PESQUISA

Nesta seção do texto mostraremos, principalmente, as estratégias metodológicas adotadas em pesquisa de mestrado, mas também algo de nossa proposta para o trabalho de doutorado, visto que se trata de uma continuidade onde ambas pesquisas seguem perspectivas semelhantes. No mestrado, e posteriormente também em pesquisa de doutorado, nossa primeira atividade foi o diálogo com o Coletivo Batalha do Vale a respeito dos objetivos de pesquisa e também da maneira como esta seria construída.

Ao mesmo tempo, foram realizadas leituras a respeito de temas que abordem a proposta de pesquisa, especialmente a respeito das metodologias. Esta primeira etapa foi importante para que se estimássemos os limites e a viabilidade desta investigação, tanto para o pesquisador quanto para o Coletivo estudado e seus membros. Isso fez com que acontecesse mudanças nos limites da pesquisa diversas vezes, sendo que, lentamente, através do diálogo, o estudo foi se tornando também uma das pautas do coletivo Batalha do Vale.

A negociação coletiva parte da proposta metodológica de Pesquisa em Colaboração e Militante (RAPPAPORT, 2007; BARTHOLL, 2018) que adotamos como guia metodológico. Esta proposta consiste na participação direta do pesquisador no grupo estudado, onde este assume funções como um membro ativo do coletivo, que influencia e é influenciado. Desta forma, o Coletivo Batalha do Vale através de conversas a respeito da operação da pesquisa

aderiu em suas pautas a realização da pesquisa, na qual contamos com a participação de membros do coletivo em atividades da pesquisa, e também, a participação do pesquisador em atividades do coletivo. Esta negociação teve e tem de ser respeitada e, eticamente, cumprida de acordo com o combinado por ambas as partes. Através deste diálogo, em pleno desenvolvimento da pesquisa foi possível passar de uma pesquisa sobre o Coletivo Batalha do Vale, para uma pesquisa com e para a Batalha do Vale (RAPPAPORT, 2007).

Como importante ferramenta metodológica que acompanha todo o processo de pesquisa acatamos a Observação Participante, que Para Turra Neto (2001) pode ser compreendida como “uma metodologia na qual o pesquisador se coloca no campo como uma antena de rádio, a captar de forma sensível os elementos que interessam para a sua proposta, interagindo com o grupo, vivendo com ele e influenciando e sendo influenciado” (p.31). Com o tempo de pesquisa, na medida em que o vínculo com o coletivo se tornava mais intenso, passamos a praticar a “Participação Observadora” (p.80), estratégia metodológica proposta por Timo Bartholl (2018) e que nos foi útil para que começássemos a atuar na articulação e construção das ações da Batalha do Vale, de maneira que os membros do coletivo debatiam a pesquisa e o pesquisador debatia as ações do grupo coletivamente.

Sendo assim os trabalhos de campo da pesquisa foram realizados durante atividades do Coletivo Batalha do Vale, incluindo reuniões de organização, realização de ventos culturais, festas e atividades informais e sem planejamento. O que legitima estas participações como fonte para produção de dados é o registro no diário de campo, com o maior nível de detalhamento possível (WINKIN, 1998). Para a produção de um registro formal sobre os dados realizamos entrevistas com pessoas escolhidas juntamente com o Coletivo Batalha do Vale mas que correspondessem aos objetivos da pesquisa. As entrevistas foram filmadas, gravadas e armazenadas em nuvem. O roteiro manteve um caráter aberto e focalizado (BRITTO JUNIOR e FERES JUNIOR, 2011), onde o entrevistado ficou livre para detalhar sua perspectiva dos acontecimentos e nós, o pesquisador e líderes da Batalha do Vale, conduzimos a conversa de acordo com o roteiro elaborado previamente.

Classificamos os jovens em dois níveis de envolvimento com o Coletivo Batalha do Vale: Organizadores e Mcs. Também conversamos com uma jovem que foi aluna e participou de atividades da Batalha do Vale em sua escola, visando captar ações educativas nas atividades do Coletivo que acontecem em ambiente escolar. Para conhecer melhor o público das ações culturais da Batalha do Vale aplicamos enquetes online, visto que os eventos promovidos pelo

coletivo estudado foram realizados virtualmente. Posteriormente, já em pesquisa de doutorado, aplicamos enquetes em eventos da BDV na Praça do Vale.

Como proposta de divulgação dos resultados do trabalho e como contribuição ao Coletivo Batalha do Vale, consideramos que o do texto das pesquisas forneceram amparo para futuras investigações a respeito de coletivos juvenis e também material para que o Coletivo Batalha do Vale possa legitimar cada vez mais suas ações, produzindo projetos culturais e pedagógicos que possam fomentar ainda mais as atividades do coletivo. Além disso, na proposta inicial de mestrado propomos o lançamento de um vídeo, em formato de documentário contendo principalmente a relação entre a Batalha do Vale e a educação da juventude. Este vídeo está sendo produzido juntamente com o coletivo, mas até o presente momento não foi lançado, visto que existe a necessidade de atividades como edição de áudio e vídeo que exigem conhecimento técnico e o envolvimento de pessoas que não estão diretamente ligadas com a pesquisa e com a Batalha do Vale. Outra ferramenta que utilizamos para ampliar o alcance dos resultados da pesquisa, que acreditamos ser de grande importância, é a produção de fanzines, que são “pequenas revistas produzidas artesanalmente e de tema livre” (FRANCO, 2014, p.39). A partir da confecção dos fanzines é possível circular os resultados da pesquisa, em uma linguagem popular e artística, nos eventos realizados pelo Coletivo Batalha do Vale.

Em relação ao trabalho de doutorado entendemos como uma continuidade da metodologia que iniciamos em pesquisas anteriores (SALVI, 2019, 2023). Ainda junto ao Coletivo Batalha do Vale, buscando a pesquisa em colaboração e militante, propomos entrevistar pessoas vinculadas não só a BDV mas também a outros coletivos culturais de Hip Hop, buscando entender quais as conexões entre os territórios agitados por estes coletivos na cidade. Além disso, meio as vivências junto aos membros da Batalha do Vale, buscamos olhar para as trajetórias dos sujeitos envolvidos com o Hip Hop destacando como o envelhecimento junto as práticas culturais aconteceu, quais foram os retornos que estas trajetórias de vida obtiveram a partir deste envolvimento.

DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO

Com o objetivo de identificar o que os jovens aprendem ao se envolverem com a cultura Hip Hop, através dos depoimentos dos colaboradores, percebemos que o encontro do jovem com o Hip Hop, que na maioria das vezes é dado através dos elementos artísticos desta cultura,

os jovens sujeitos são estimulados ao pensamento, a refletir a respeito da realidade em que estão inseridos. O trecho a seguir foi destacado da entrevista com Danilo e após ser perguntado se algo mudou em sua vida após aderir o Hip Hop ele responde:

Danilo²: *Pra caramba, pra caramba. Eu acho que eu, primeiramente, como negro retinto, né mano, acho que fez eu perceber, primeiramente assim, me fez perceber o meu lugar como civil, tá ligado? O rap me fez sentir um civil, real assim, tipo... o rap me fez sentir, de fato assim, aquele artigo 1º, não tem? que todo mundo tem o direito de ir e vir? Então... o rap me faz me sentir nesse direito aí, tá ligado? Eu acho que depois que eu conheci o rap... eu não me sentia assim, não só de conhecer o rap, mas de entender o Hip Hop em si, acho que quando eu conheci o Hip Hop que eu entendi essa parada do Artigo número 1...que até então eu achava que eu entendia, mas aí tinha aquela parada que nois fica brincando sobre a síndrome do Calton Banks, tá ligado? Porque eu achava que eu era pá, falando: não, mas eu sou preto, não, mas eu sou preto..., mas nessa achando o Roberto Carlos melhor que o Tim Maia, tá ligado?... Nunca mano, nunca vai ser, não por questão pá, mas a gente é condicionado a pensar dessa forma, a gente é condicionado desde cedo a se perguntar: o que que tem de errado com você? Sendo que a única coisa que você tem diferente das outras pessoas, e que o sistema quer que seja demonstrado que seja diferente é que você tem a cor diferente da outra pessoa, mano... e de certa forma você se sente mais pra baixo...e aí o Hip Hop me mostrou mesmo mano, me mostrou a cultura, tá ligado? Uma cultura afrodescendente muito forte falando: “pô mano, você tem o direito de ir e vir também, você é um pretão da hora...”*

Percebemos no depoimento de Danilo que ao conhecer a cultura Hip Hop ele tomou conhecimento a respeito de seus direitos e de sua própria liberdade. Com isso fica evidente que a partir da reflexão promovida pelo envolvimento com esta cultura, o jovem passa a ter maior identidade racial e auto estima. Essa reflexão coloca o jovem como um sujeito social, consciente de sua posição no mundo, o mesmo podemos notar nas palavras de Jaime:

Jaime: *Cara, olha...uma mudança assim, que o Hip Hop causou, o rap em si falando, foi a mudança do pensamento... quando eu comecei a prestar atenção nas letras, principalmente nas*

² Os nomes dos colaboradores, para este texto, foram preservados e alterados para nomes fictícios.

letras do Sabotage, Rzo, aquelas músicas lá, tá ligado? Pensava muito naquelas letras, por que as histórias que os cara contava no rap era muito parecida com a nossa história, com história de luta, de sofrimento, que a gente tem que batalhar pra chegar onde quer... e a gente se identificava e queria troca ideia com alguém e não tinha ninguém pra dar um conselho, e quem dava o conselho? O rap mano... as músicas. Sozinho de fone de ouvido, as música que tocava no fone voltando sozinho da pista de skate, colocava um rap e ouvia as mensagens... foi a partir disso que eu acredito que o amadurecimento mental foi evoluindo e eu não parei mais, não parei mais...

Destacamos que ambos os entrevistados receberam informações a respeito da realidade, que os forçaram a uma reflexão crítica de seus lugares no mundo e essa informação chegou através da arte, da música rap. As letras das músicas conversam sobre a realidade de uma forma lúdica, utilizando de problemas sociais urbanos como inspiração para rimas e o comprometimento com a mensagem a ser passada atinge realmente, como percebemos, quem as escuta.

O que é notável é que esta reflexão na qual os jovens estão se submetendo não foi gerada no ambiente escolar, partindo de atividades de lazer como ouvir música e caminhar pela cidade com fones de ouvido. Outro Mc entrevistado, Anderson, que também é organizador da Batalha do Vale e membro mais atuante do Coletivo, deixa claro em sua fala que a rua, os espaços da cidade em que frequentava em tempo livre, foram os espaços que promoveram maior curiosidade e ambição pelo conhecimento, assim como seu interesse pela leitura:

***Anderson:** Mano, esse livro aqui eu ganhei da minha primeira namorada, de aniversário, ela deu de presente pra mim, é autografado aqui ó [Anderson mostra o livro a "Guerra Não Declarada na Visão de um Favelado" de Carlos Eduardo Taddeo]... mas é autografado para o nome do pai dela por que foi no cartão dele que ela comprou pela internet (risos). Não tem o meu nome, mas firmão... já coletei assinatura do Eduardo na palestra dele, tá no meu caderno da faculdade. E o Eduardo tinha acabado de lançar esse livro e eu ganhei ele, lendo me interessei pela faculdade mas já tinha saído da escola. E aí eu queria ser revolucionário, queria fazer a diferença... pretão, queria fazer dinheiro, fazer a diferença, quero conseguir muita fita, mas não quero roubar e nem fazer nada ilegal... e tem uma parada dessa época que eu curtia ficar debatendo, eu colava na pistinha de skate do São Matheus, e tava eu o Mantega,*

e uma mão colo uma mina lá com uma ideia de coxinha, e o Mantega punk já lançou as paradas do capitalismo, tá ligado, mano? Falando sobre o universo, o Mantega debatendo e eu entrando nos debates, mas eu não tinha muito embasamento mano, não tinha argumento, eu me baseava tudo nos rap mano, o rap que falou pra mim tipo: Mano, você tem que estudar”. Eu comecei a tomar enquadro e não sabia o que falar pros PMs mano, e queria tomar enquadro e não ficar chamando ninguém de senhor, com medo...eu queria estudar mano, eu percebi que pra bater de frente com o sistema tinha que estudar, tinha que fazer meu corre, obter conhecimento, ler livro...voltei para o supletivo... as pessoas fazem o supletivo rapidão, eu demorei pra caramba pra fazer meu supletivo, um ano inteiro...fiz meu vestibular... passei em História...

Com as falas dos jovens sujeitos entrevistados percebemos que o estímulo para buscar o conhecimento e a curiosidade foram acionados através da vivência nas ruas, nos espaços de lazer e culturais. Segundo Paulo Carrano (2003) e Juarez Dayrell (2008) a partir da sociabilidade e da relação que os jovens tem entre si e com a cidade em que vivem, é que possibilita a formação de cidadãos críticos e participativos, o que complementa o processo de educação que é iniciado na escola.

Em nenhum caso nossos entrevistados mostraram ter tido uma trajetória escolar positiva no sentido de estar sempre acompanhando as aulas e os conteúdos ministrados em sala de aula. Por outro lado, na vida extra escolar, fora dos muros, estes mesmos sujeitos vivenciaram situações que os fizeram se aproximar dos estudos, buscando no acesso à universidade, por exemplo, uma alternativa de projeto de melhoria de vida. Já as ações do Coletivo Batalha do Vale demonstraram contribuir neste processo no sentido de continuidade e reforço dos valores apreendidos com o Hip Hop, de aproximar a juventude periférica dos estudos e do conhecimento. Podemos destacar que a experiência coletiva, de ocupar espaços da cidade para promover o Hip Hop, gerou um empoderamento e auto confiança nesses jovens para que enfrentassem as barreiras sociais, incluindo as dificuldades no acesso à universidade, de maneira mais leve e consciente:

Jaime: *E também a BDV me mostrou algo assim que eu nunca pensei que eu ia enxergar mano, essa parada de ser bolsista, de depender do transporte público...cara vou falar uma coisa pra vocês aqui, trabalhar e estudar, pegar busão (ônibus) chegar meia noite, uma hora mano. Eu*

chegava até cedo, chegava meia noite, tem gente que chegava uma hora da manhã em casa... essa realidade não é fácil, e essas ideias são as que a gente trocava na BDV, e eu me deparei com essa situação em diversos momentos. Mas isso não me pegou de surpresa... é aí que tá... quando a gente é pobre, periférico e se depara com um ambiente universitário é um choque, mano. Por que infelizmente a nossa educação não prepara o aluno para todo o processo da universidade... então tem muita gente que chega a desistir. Então até a gente se adaptar, ver que aquilo é real, a gente desiste..., mas assim, eu não desisti mano, por que? Porque eu sou melhor? Porque pra mim foi diferente? Não mano, por que a Batalha do Vale, de alguma forma, meio que preparou, tá ligado? Ela pegou toda aquela ideia que eu tinha, por que as vezes você tem as ideias, mas não sabe como estrutura-las, e eu tinha as ideias...e aí vendo tudo aquilo, participando, vivendo, conhecendo outros Mcs com mais caminhada, outros que passavam a visão, eu fui assimilando... então a BDV me preparou pra esse corre, e eu hoje estou no último período da faculdade. Não foi fácil, foi muito difícil e eu vou exercer a profissão de professor...

Danilo: *Eu acredito que sim, ajudou e vai ajudar ainda mais...mas como a gente estava falando, não só me deu essa vontade de querer estudar, de querer ter uma formação, de compromisso... eu quero, de fato, terminar a Pedagogia, para conseguir aplicar dentro da Pedagogia, o Hip Hop, e colocar para as crianças, de certa forma, de forma bem pedagógica, para ensinar para as crianças desde pequenas, que elas tem seu direito de ir e vir desde criança, mano. Você sendo preto, sendo mulher, sendo homossexual, sendo diferente, fora do padrão que o sistema quer que você seja... eu acho que o Hip Hop vem muito para querer demonstrar essa diferença, essa diversidade...*

As respostas mostradas surgem após os entrevistados serem perguntados se as ações da Batalha do Vale tinham contribuído para suas vidas. Percebemos que o envolvimento da juventude periférica com a cultura e movimento Hip Hop pode ser tão educativa e inspiradora para os estudos quanto as situações vividas em ambiente escolar, e por vezes, mais ainda. Destacamos que as práticas coletivas dos jovens, em espaços diversos da cidade, através de manifestações políticas, culturais e de lazer, promovem ambientes educativos, na qual a realidade é uma pauta a ser discutida, refletida e plausível de intervenções.

Em nossas primeiras ideias de pesquisa as ações do Coletivo Batalha do Vale dentro das escolas eram fundamentais para entendermos a relação do Hip Hop com a educação. Porém, devido aos impedimentos da pandemia da covid-19, a escola se tornou inacessível para o Coletivo BDV, assim como os estudantes e para o pesquisador, o que causou um afastamento da pesquisa do ambiente escolar. Com isso, junto ao Coletivo Batalha do Vale, fomos aprendendo que no Hip Hop a educação está sendo feita enquanto uma proposta, em todas as ações, e que a escola era uma maneira de encontrar as pessoas que, justamente, não estavam felizes na escola, assim como nossos entrevistados. Por isso achamos importante, no momento da pesquisa de mestrado, conversar com algum estudante que pudesse nos aproximar do impacto das atividades da Batalha do Vale em escolas. Buscamos então dialogar com Amanda, estudante da E. E. Pedro Tófano, no bairro Montalvão, extremo norte de Presidente Prudente, onde a Batalha do Vale realizou atividades pedagógicas a convite desta mesma estudante.

Conversando com Amanda percebemos que a escola enquanto uma instituição não canaliza esforços para aproximar os conteúdos escolares da realidade dos alunos fora daquele ambiente. Essa aproximação, na maioria das vezes em que acontece, parte do esforço individual de algum professor ou até mesmo dos jovens estudantes, como comenta Amanda a respeito da ida da Batalha do Vale até sua escola:

Amanda: Foi diferente, porque o pessoal já conhecia um pouco pela internet, alguns iam para o parque do povo e passavam lá e já tinham uma ideia do que era Batalha do Vale, que é um movimento de batalha de rima, isso que eles têm o entendimento, eles sabem que é isso, e alguns já conheciam os Mcs, já tinham uma ideia de quem era... alguns eles não conheciam, que era novo para eles, e eles não conheciam... mas a Batalha do Vale ajudou bastante para eles conhecer o que é o movimento do rap, o que é o Hip Hop. Ajudou muito eles (seus colegas de escola) nessa questão de refletir, porque às vezes eles têm interesse. Eles escutam as músicas, mas não sabem da onde veio, qual a causa, o que não é a causa, quais as referências essas coisas assim eles não sabiam. E a Batalha do Vale levou para escola, para eles entenderem sobre, onde surgiu os primeiros b-boys, os rappers, o movimento em geral, foi muito importante para eles eu tenho certeza disso.

Os estudantes das escolas em que o Coletivo Batalha do Vale já realizou ações, como percebemos em SALVI (2019, 2023), se animam ao verem jovens vestidos como querem (fora

dos padrões), falando gírias e usando bonés. Esse contato dos jovens da Batalha do Vale com os adolescentes "mais novos" se torna um momento de aprendizagem, pois ao verem pessoas próximas a eles, que falam a mesma linguagem, tocarem em assuntos e promoverem debates a respeito da importância dos estudos e do conhecimento realmente estimula os alunos a se aproximarem e levarem mais a sério os estudos. Sabemos, no entanto, que uma aprendizagem significativa não acontece a curto prazo, porém não podemos deixar de destacar que as investidas dos coletivos de Hip Hop para dentro das escolas são uma conexão do ambiente escolar com os saberes que ocorrem nas ruas, como mostramos aqui. Não é de hoje que trabalhos científicos destacam o potencial do Hip Hop e seus elementos artísticos em abordar temáticas sociais previstas pelo currículo escolar (JOVINO, 1999; NEVES, 1999). O que tratamos aqui, é mais uma tentativa de um coletivo formado por jovens periféricos em atingir a trajetória de vida de adolescentes que podem estar sem inspiração para elaborar projetos pessoais através da cultura Hip Hop, criando pontes entre os conhecimentos que circulam nas ruas e os saberes que são propostos na escola.

Imagem 03. Batalha do Vale realizando atividade em escola pública de Presidente Prudente em 2022.



Fonte: Facebook da Batalha do Vale

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer da pesquisa de mestrado mantivemos como base a proposta construir uma pesquisa coletiva a respeito de coletivos juvenis e das juventudes, em especial da Batalha da Vale, compreendendo como as participações dos jovens em coletivos juvenis contribuem para a sua formação política, social e intelectual a partir do compartilhamento de referências culturais e identitárias.

De acordo com as entrevistas de nossos colaboradores, podemos afirmar que os jovens ao se identificarem com as culturas juvenis são estimulados a refletir a respeito de seu contexto social e espacial, acionando processos educativos por meio de experiências em espaços informais e não-formais de educação, como eventos culturais, rodas de conversa e de rimas, pistas de skate, conversas com amigos, entre outras atividades cotidianas, em que o encontro, a sociabilidade, a diversão e as conversas sérias se sobrepõem. A reflexão estimulada pelo Hip Hop coloca os jovens envolvidos a par das dinâmicas desiguais da sociedade.

A partir da chegada de uma nova consciência de si e de sua posição, esses jovens se situam na cidade e passam a agir, movimentar suas vidas como estratégia de luta e de superação, reorientando trajetórias de vida e de cidade. Devido a isso, as trajetórias de vidas de jovens negros e moradores de periferias empobrecidas sofrem profundas mudanças em suas práticas espaciais, sociais e políticas ao se associarem com a cultura Hip Hop.

Evidenciamos ao longo da pesquisa que uma das estratégias apropriadas pelas juventudes periféricas para conquistar a superação da sua condição inicial e se inserir em trajetórias de ascensão social foram os estudos. Analisamos as trajetórias escolares dos nossos colaboradores ao longo da pesquisa e destacamos que estes jovens eram “maus alunos” na escola. Ao nos contarem suas vidas os jovens não atribuíram conquistas pessoais e coletivas às experiências “educacionais” que viveram na escola. Porém, hoje em dia, os mesmos jovens que colaboraram com esta pesquisa acessaram a universidade e são educadores que atuam diretamente nas escolas, como professores, arte-educadores,icineiros e palestrantes. Isso se tornou possível devido ao processo de reflexão, de contextualização espacial e social que foi acionado no momento em que nossos colaboradores assimilaram a cultura Hip Hop com suas vidas.

Até o momento, em pesquisa de doutorado, além de pesquisas bibliográficas foram realizados diversos registros em reuniões do coletivo Batalha do Vale e em outras situações que

geraram alguma reflexão, por tanto ainda não foram organizados, sistematizados e analisados, sendo previsto ser feito isso ao longo do ano de 2025. Com essas vivências e reuniões já emergiram os possíveis nomes para as entrevistas, tanto os que se relacionam diretamente com a Batalha do Vale como de outros coletivos. Foram aplicadas enquetes em três ocasiões, duas delas em eventos da Batalha do Vale na Praça do Vale e também através de uma divulgação online. Em uma análise parcial das respostas das enquetes, notamos uma presença marcante de pessoas de diversas cidades pequenas da região de Presidente Prudente, nos indicando que, possivelmente, através dos eventos da Batalha do Vale, é agitada uma escala regional de Hip Hop em que os territórios se conectam.

Com a continuidade da pesquisa, esperamos produzir dados e reunir uma quantidade de informações suficientes para desenvolver as questões implicadas em projeto de pesquisa e também para fortalecer as ações da Batalha do Vale e dos coletivos que estão relacionados nesta possível rede de territórios. Outro importante apontamento parcial é que a pesquisa mostrou uma face da cultura de rua, do Hip Hop e da Batalha do Vale que denominamos internamente (o pesquisador e os membros do coletivo) como “lado b” da Batalha do Vale, sendo este o retorno e o “não-retorno” que estes jovens obtiveram após uma década de envolvimento com a articulação de territórios do Hip Hop.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. A tematização social da juventude. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5-6, p. 25-36. São Paulo, ANPED, 1997.

BARTHOLL, Timo. **Por uma Geografia em movimento**: a ciência como ferramenta de luta. Rio de Janeiro. Consequência, 2018.

BRITTO JUNIOR, A. F.; FERES JUNIOR, N. A Utilização de Entrevistas em Trabalhos Científicos. **Evidência**, Araxá, v.7, n.7, p. 237-250, 2011.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

CARRANO, Paulo C. R.. Jovens, territórios e práticas educativas. **Revista Teias**, v.12, nº 26, p. 07-22. Set./Dez. 2011.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. p. 136-161.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas e tribus**. Barcelona: Ariel, 1999.

FRANCO, F. Poletto. **Geografia e Ensino: Elaboração de Fanzines como possibilidade na construção do conhecimento**. 2014. 271f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

JOVINO, D. S. Ione. “Rapensando” os PCN’S. In: ANDRADE, Elaine (org.) **Rap e educação rap é educação**. São Paulo. Editora: Summus, 1999. p. 161-166.

NEVES, L. A. D. Rap na Sala de Aula. In: ANDRADE, Elaine (org.) **Rap e educação rap é educação**. São Paulo: Editora: Summus, 1999. p. 153-160.

MIRANDA, Jorge Hilton De Assis. Relação De Mercado e Trabalho Social No Hip Hop. **Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades**, [S.l.], n. 223, p. 32 - 41, jun. 2006. Disponível em: <<https://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/view/165>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PIMENTEL, Spency. **O Livro vermelho do Hip Hop**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso. 1997.

RAPPAPORT, Joanne. Más allá de lá escritura: la epistemología de la etnografía em colaboración. **Revista Colombiana de Antropología**. Vol.43, enero-diciembre, 2007, pp. 197-229. Instituto Colombiano de Antropología e Historia. Bogotá, Colombia.

SALVI, Bruno Fantin. **A cidade e os espaços informais de educação: contribuições da Batalha do Vale para a educação dos jovens de Presidente Prudente**. 2019. 93f.

SALVI, Bruno Fantin. **PARA ALÉM DA PRAÇA!: a contribuição educativa da Batalha do Vale na educação das juventudes em Presidente Prudente (SP)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente. p. 215. 2023.

SMITH, Neil. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem teto e produção da escala geográfica. In: ARANTES, Antonio A. (org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 132-175.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 77 – 116.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2013.

TURRA NETO, Nécio. **Enterrado, mas ainda vivo!: identidade punk e território em Londrina**. 2001. 179 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2001. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/89832>>.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 2008. 526 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2008.

WINKIN, Y. Descer ao campo. In: _____. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papirus, 1998. p. 129 –145.

ZUSMAN, Perla. La Descripción em Geografía: Un Método, Una Trama. **Boletín de Estudios Geográficos**. 2014, nº 102, Univerisdad de Buenos Aires, 2014. p. 135-149.